

2005\_04\_09

## Destaque

Diário do Comércio e da Indústria - DCI

### Analistas prevêem mais um leilão de energia neste ano

08/04/2005

Wellington Otto Bahnemann

Para suprir a demanda não atendida das distribuidoras para os anos de 2008 e 2009, o Ministério de Minas e Energia (MME) deverá, na avaliação de agentes e analistas do setor elétrico, realizar um novo leilão de energia existente, com participação da energia "botox" (empreendimentos licitados desde 2000, mas que não comercializaram até março de 2004). "A expectativa é que o governo realize este novo leilão antes da licitação das novas usinas (previsto para o segundo semestre do ano)", afirma Rosângela Ribeiro, analista do ABN AMRO Real Corretora.

No segundo leilão de energia existente, realizado no último final de semana, apenas 42% (1.325 MW médios) da demanda de 2008 foi atendida, enquanto o produto 2009 foi excluído do processo. "Apenas 23%, de uma demanda de 5.760 MW para os dois anos, foi atendida", segundo Claudio Salles, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE). O preço dos contratos de suprimento energético, a partir de 2008, ficou em R\$ 83,13/MWh. Se de fato ocorrer um novo leilão de energia existente, Ribeiro acredita que a energia botox terá melhores condições competitivas. "A curva ascendente de preços mostra que a parcela de energia velha sobrando é pouca e que em 2009, tendo em vista o preço inicial de R\$ 104 para o ano do último leilão, haverá mais energia botox." O MME estima que no Brasil haja 10,9 mil MW de energia botox.

Com isso, diminuiria o risco de retirada brusca de oferta, como ocorreu no último leilão. Na ocasião, 50% da oferta de 7,3 mil MW das geradoras saíram da disputa logo após a primeira rodada. A ministra Dilma Rousseff, do MME, declarou que uma parcela significativa da energia retirada seria botox. O motivo para fuga, segundo Ribeiro, seria o baixo preço do leilão para esse tipo de energia.

Em relação a uma das alternativas veiculadas por Rousseff, a realização de leilão que contemplasse energia velha, botox ou nova, o professor Luis Pinguelli, da Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Engenharia (Coppe-UFRJ), não considera uma boa alternativa. "Se isso ocorrer, os erros do último leilão poderão ser repetidos novamente."

## **Transparência**

A falta de uma explicação convincente sobre os motivos que levaram à exclusão do produto 2009 gerou incertezas sobre os próximos leilões do setor, na avaliação de Roberto Wainstok, diretor de compra e venda de energia da CPFL Brasil . "A sistemática do leilão gerou ruídos. O mercado ainda procura entender o que aconteceu." Para o executivo, a exclusão do produto 2009, quando estava cotado em R\$ 63,30, foi prejudicial para as distribuidoras.

**Salles, da CBIEE**, também considerou o resultado negativo. "Foi ruim para as distribuidoras, que para contratar a demanda deverão ir ao mercado de curto prazo, ficando expostas às oscilações de preço, e para as geradoras, que deixaram de comercializar energia e também deverão recorrer ao mercado de curto prazo."

Para Ribeiro, outra alternativa para as geradoras seria o mercado livre, negociando diretamente com o consumidor. "Apesar de não ser o ideal, já que comercializar no leilão gera estabilidade contratual de longo prazo, competir no mercado livre é uma opção." A analista afirmou que o grupo Eletrobrás apresentou o melhor desempenho do leilão, impulsionado pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), que comercializou 450 MW ao preço de R\$ 83,50/MWh.

Entre as geradoras, o resultado foi considerado positivo. A Companhia Energética de São Paulo (Cesp), por intermédio de sua assessoria de imprensa, informou que a companhia "vendeu a energia que tinha disponível (170 MW) para 2008 e o preço (R\$ 83,50) ficou dentro das expectativas". Na Chesf, o leilão também ficou dentro das previsões e "o valor negociado acrescentará uma receita da ordem de R\$ 2,6 bilhões ao longo dos oito anos dos contratos".

Segundo Paulo Ludmer, diretor executivo da Associação Brasileira de Grandes Consumidores de Energia Elétrica (Abrace), o argumento que os preços dos dois leilões não são atraentes não tem consistência. "As usinas existentes tem o seu custo operacional variando entre US\$ 5 a US\$ 10. As geradoras conseguiram vender a sua energia quase a US\$ 30."